

RECENSÃO DE LEE, E. (2005). HOW INTERNET RADIO CAN  
CHANGE THE WORLD: AN ACTIVIST'S HANDBOOK.  
NOVA IORQUE: IUNIVERSE, INC.

FÁBIO RIBEIRO

FABIOFONSECARIBEIRO@GMAIL.COM

CENTRO DE ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE, UNIVERSIDADE DO MINHO

O entusiasmo pela comunicação digital percorre transversalmente a obra *How Internet Radio Can Change the World: An Activist's Handbook*, de Eric Lee. Esta postura tão apologista das possibilidades comunicativas oferecidas pela Internet reforça provavelmente um conjunto alargado de entendimentos sobre a conquista do quotidiano pelo digital. Em 1967, McLuhan e Fiore já se referiam aos circuitos eletrônicos como 'extensões do sistema nervoso central'. Numa leitura mais contemporânea, José Bragança de Miranda refere: "vivemos, nos nossos dias, no meio de conexões, de links, do on-line, estamos votados à participação, à 'interactividade', etc. Algo de novo está a emergir" (2001, p. 265). Maria Teresa Cruz (2001) define a convergência tecnológica das relações sociais como a 'mobilização erótica da técnica'. Esta obra aqui recensada pretende, assim, desafiar a utilização da rádio digital para "melhorar a comunicação e solidificar as organizações" (p. 1), em torno de três grupos de reflexão.

No primeiro, o autor propõe uma definição – simplista – de "rádio na Internet": "trata-se da contínua transmissão de áudio, em *streaming*, através da Internet" (p. 11). Eric Lee define, então, três tipos de rádio na Internet: 1) emissoras que compatibilizam uma transmissão *online*, em contínuo, com a frequência FM tradicional; 2) emissoras exclusivamente *online*, com programação contínua; 3) emissoras com transmissão irregular de conteúdos pela Internet. As *webrádios*, uma terminologia que surge recorrentemente, "representam instrumentos interessantes de alargamento da participação dos indivíduos no espaço público ao proporem novos conteúdos ou aprofundar os já existentes e, por essa via, captar novos públicos" (Silva *et al.*, 2013, p. 107); a *webrádio* como entidade que rompe limites legais e disputa o mercado e espaço digital (Peruzzo, 2011).

A abordagem tecnicista de Lee recupera aspetos históricos da transição da rádio tradicional para a Internet. Recorda o lançamento da plataforma RealAudio (1993), de Rob Glazer, que trouxe alterações no sistema *streaming*, com ferramentas de compressão do áudio, reduzindo o espaço necessário ao armazenamento e protegendo a qualidade do som. Em 1997, Justin Frankel, um jovem de apenas 18 anos, criaria o formato MP3, através do reproduzidor de áudio Winamp. Esta "consciência social", como o próprio autor define, para uma transmissão mais facilitada de conteúdos, resultou na criação da plataforma Live 365, que ainda hoje se mantém como agregadora de estações de rádio *online*. Em 2001, segundo Lee, este site já contabilizava 25 mil estações de rádio, com mais de 2 milhões e 500 ouvintes mensais, configurando uma nova ideia de negócio que pretendia dar espaço a projetos radiofónicos com pouco espaço no registo hertziano.

Depois de elogiar os “ativistas da comunicação pública”, Eric Lee apresenta um segundo grupo de reflexões, em que identifica boas práticas de rádio na Internet, ou seja, de emissoras *online* que se distinguiram pelo seu impacto na comunidade. Entre esses exemplos consta a WINS (Workers Independent News Service)<sup>1</sup>, localizada na cidade norte-americana de Wisconsin, que funciona essencialmente como um repositório de conteúdos informativos sobre as classes trabalhadoras: “a organização de estruturas democráticas; questões laborais como segurança, privacidade e discriminação; (...) assistência a ativistas locais” (pp. 22-23), que podem ser descarregados pela generalidade das rádios AM e FM. Na Jugoslávia, a Radio B92<sup>2</sup> desempenharia um papel de intervenção social e política de contestação ao governo de Slobodan Milosevic, sobretudo depois da criação do seu site, em 1996, com a produção de conteúdos para a comunidade multicultural de sérvios, croatas e bósnios que viviam no país. Ainda no âmbito político, a Free NK, uma emissora exclusivamente *online*<sup>3</sup>, localizada em Seul, na Coreia do Sul, procura contribuir para a libertação do povo norte-coreano que vive “na sociedade mais fechada do mundo (...) em que não são permitidas vozes dissonantes e o regime de filosofia estalinista controla completamente os média” (p. 33). Para No Yu-jin, um dos locutores, a Free NK pretende contribuir para a unificação do território das duas Coreias: “seremos um farol que irradia esperança para os norte-coreanos e uma agência de verdade para os sul-coreanos” (p. 35). As 10 mil visitas diárias ao site da rádio no primeiro mês de atividade, em abril de 2004, suscitaram também ameaças de morte recebidas por telefone e e-mail.

Por último, a Radio LabourStart<sup>4</sup>, criada em 2004 por Eric Lee, que funciona como um observatório internacional sobre direitos dos trabalhadores, em parceria com sindicatos e organizações do setor. Nos primeiros dez meses de emissão, “foi um sucesso, que poderia, ainda assim, ter alcançado outros patamares” (p. 47).

Antes de finalizar o livro com um terceiro grupo de questões – a implementação prática de rádios *online* –, o autor lança uma questão provocatória: “depois de ler as últimas páginas, [o leitor] deve chegar à conclusão de que tudo isto parece interessante e bonito, mas como que é que isto [rádio *online*] muda o mundo?” (p. 48). Neste último momento de reflexão, Lee desenvolve dois apontamentos: o “Apêndice A: Como ouvir”, referindo alguns conselhos sobre requisitos de implementação de rádios *online*, em termos de *hardware* (computador, boa placa de som, microfone e ligação de alta velocidade à Internet) e *software* (sugere, pelo menos, o sistema operativo Windows XP, além de reprodutores de áudio como Real Player, Music-Match, Sonique J. River Media Jukebox, etc.); o “Apêndice B: Como montar a sua própria estação de rádio na Internet”, em que aponta sugestões adicionais, como por exemplo um programa de gravação áudio (Power MP3 Recorder) ou de edição de som (Audacity), finalizando o capítulo com a ideia de que uma rádio de baixo or-

---

1 Acedido em: <http://laborradio.org/>, 20-02-2015.

2 Acedido em: [www.b92.net/radio/](http://www.b92.net/radio/), 20-02-2015.

3 Acedido em: [www.freenk.net /](http://www.freenk.net/), 22-02-2015.

4 Acedido em: [www.radiolabour.net/](http://www.radiolabour.net/), 22-02-2015.

çamento e vocacionada para a comunidade deve ser capaz de solicitar donativos para que possa continuar a desenvolver a sua atividade<sup>5</sup>.

A predominância da técnica da rádio *online* ao longo da obra não se completa, porém, com indicações sobre dinâmicas sociais favoráveis à implementação destes projetos. Esta debilidade sugere, subliminarmente, que a execução competente dos mecanismos tecnológicos conduzirá ao sucesso de uma rádio *online*. Faltaria, pois, identificar elementos como: a política editorial da rádio, de assuntos e conteúdos principais de emissão; a identificação de colaboradores e estruturas fixas de gestão da programação; a formação teórica e prática dos colaboradores (Ribeiro, 2014).

No ano da publicação deste livro (2005) não existiam dados consistentes para antecipar a influência das redes sociais no contexto comunicacional, entre os cidadãos e média. Apenas nesse ano surgiria o Youtube, um ano antes o Facebook e em 2006 o Twitter<sup>6</sup>, pelo que esta dimensão mais atual escapa cronologicamente à obra. Numa altura em que a rádio em Portugal, sobretudo a de âmbito local, enfrenta constrangimentos económicos e dificuldades de afirmação, a extensão das emissões ao *online* assume-se numa estratégia mínima de tentativa de sobrevivência. Esta obra concede, por isso, algumas recomendações práticas, gratuitas e de baixo custo, para a emancipação digital da rádio tradicional. A abordagem empirista de Lee, ainda que pouco académica e científica, oferece contributos práticos para uma renovada esperança de promoção de projetos de rádios comunitárias *online* (Ribeiro, 2014; Buckley, 2011; Dunbar-Hester, 2008).

## Referências

- Buckley, S. (org.) (2011). *Community Media: a Good Practice Handbook*. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.
- Dunbar-Hester, C. (2008). "Geeks, Meta-Geeks, and Gender Trouble: Activism, Identity, and Low-power FM Radio", *Social Studies of Science*, 38(2), 201-232.
- McLuhan, M. & Fiore, Q. (1967). *The Medium is the Massage*. Nova Iorque: Bantam Books.
- Miranda, B. & Cruz, M. (2001). *Críticas das Ligações na Era da Técnica, Ligações\_Links\_Liaisons*. Lisboa: Tropismos.
- Peruzzo, C. (2011). "O rádio educativo e a cibercultur@ nos processos de mobilização comunitária". I Congresso Mundial de Comunicação Ibero-Americana. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes.
- Ribeiro, F. (2014). "Recuperar o espírito das piratas: reflexões sobre rádios comunitárias em Portugal, do vazio legal a uma proposta concreta" in Reis, A.; Ribeiro, F.; Portela, P. (eds.) (2014). *Das Piratas à Internet: 25 anos de Rádios Locais*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho.
- Silva, A., Coelho, C., Cabedo, F., Sousa, M. & Bonixe, L. (2013). "Os novos públicos da rádio – relato de um projeto de uma webradio para surdos", *Revista Aprender*, 34: 105-111.

---

<sup>5</sup> A este propósito, podem ser consideradas outras opções, como o Caster FM ou o Fluvius (Ribeiro, 2014).

<sup>6</sup> Acedido em: <http://www.infoplease.com/science/computers/social-media-timeline.html> 22-03-2015.